

## A GRADE APERFEIÇOADA OU SOBRE A SIMETRIA ONIPOTÊNCIA/DESAMPARO

| ARNALDO CHUSTER<sup>1</sup>

### RESUMO

O autor faz uma revisão do instrumento Grade enfatizando sua expansão teórica e prática no que Bion (1970) denominou de *Grade aperfeiçoada*. Essa Grade privilegia a teoria das *transformações* (1965) dentro de um novo contexto das ideias posteriormente desenvolvidas no artigo “*Cesura*” (1975). Ilustrações com material clínico são feitas na tentativa de esclarecer a praticidade do instrumento.

Palavras-chave: W. R. Bion. Grade. Grade aperfeiçoada. Transformações. Cesura. Simetria. Onipotência. Desamparo.

### ABSTRACT

The author reviews some of Bion's ideas about The Grid, emphasizing its expansion on what Bion called an Advanced Grid (1970). In this new Grid many ideas that were developed later in the article Caesura(1975) are already exposed. Examples with clinical material are given in order to clarify its use as an instrumento of the psychoanalyst.

Keywords: W. R. Bion. Grid. Advanced Grid. Transformations. Caesura. Simmetry. Omnipotence. Helplessness.

---

<sup>1</sup> Médico psiquiatra e psicanalista. Membro da Associação Brasileira de Psiquiatria e da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro. Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Membro efetivo e didata do Newport Psychoanalytical Institute (Califórnia). Membro honorário e professor do Instituto W. Bion (Porto Alegre).

O trabalho do analista é um trabalho solitário. Em geral, não tem com quem compartilhar as múltiplas experiências ocorridas ao longo do seu dia. Por essa razão, necessita de si mesmo para revisar e reavaliar seu trabalho nas sessões. Para tal tarefa, Bion nos legou a ideia da *Grade*, um instrumento<sup>2</sup> através do qual o analista pode fazer suas avaliações com critérios que afastem a psicanálise praticada de hábitos repetitivos e crenças. Em algumas vezes mais rapidamente do que em outras, mas sempre no interesse de pensar o trabalho e tentar desenvolvê-lo mais adequadamente.

No capítulo introdutório de *Atenção e Interpretação* (1970, p. 5), Bion propõe uma *Grade aperfeiçoada*. O presente ensaio objetiva fazer algumas considerações sobre esse instrumento que mantém o mesmo objetivo da primeira *Grade*.

Podemos resumir esse objetivo da seguinte forma: quais são as questões que o analista pode se fazer e tentar responder para si mesmo após as sessões?

A diferença da *Grade aperfeiçoada* para a primeira está no fato de que ela contempla - ainda que de forma condensada - as ideias sobre a *Cesura* apresentadas em 1975.

A *Cesura* pode ser definida como uma entidade psíquica infinitamente plástica que, ao mesmo tempo, separa e conecta dois meios distintos. O processo de sua observação não pode ser feito sem a percepção das transformações que ocorrem nesta conexão e sem, obviamente, a introdução de elementos simbólicos que fornecem a interpretação do tipo de fenômeno que ocorre.

A *Grade aperfeiçoada* permite que o analista possa tentar verificar, de forma mais específica, se conseguiu com suas interpretações estabelecer uma simetria entre meios distintos. Por exemplo, entre onipotência e desamparo, amor e indiferença, ódio e hipocrisia, conhecimento e onisciência, concepções e conceitos, elementos alfa e elementos beta, entre outros. Esse processo também implica numa avaliação da criatividade alcançada no trabalho analítico, que tantas vezes sabemos estar

---

<sup>2</sup> Também um modelo uma vez que pode inspirar a cada um criar a sua, e não necessariamente usar a que ele criou.

sendo obstruída e/ou atacada por elementos da parte psicótica da personalidade (Bion, 1956).

Ao abordarmos o conceito de *Cesura*, penso que não devemos esquecer que um dos significados do termo cesura é de pausa rítmica no interior de um verso. Portanto, trata-se de um termo que pode ser tanto da poética quanto da localização obstétrica presente na citação original de Freud (1926, p.137): “Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite imaginar”.

Com essa frase, Freud mandava um recado para Otto Rank a respeito da sua opinião sobre a origem dos conflitos no trauma do nascimento. Antes do nascimento existe um esboço de estado mental cujos vestígios aparecem na vida pós-natal e podem fornecer elementos conflitivos. O que estou dizendo aqui tem tudo a ver com a pré-concepção em sua fase embrionária (Chuster, 2014, 2018a, 2018c).

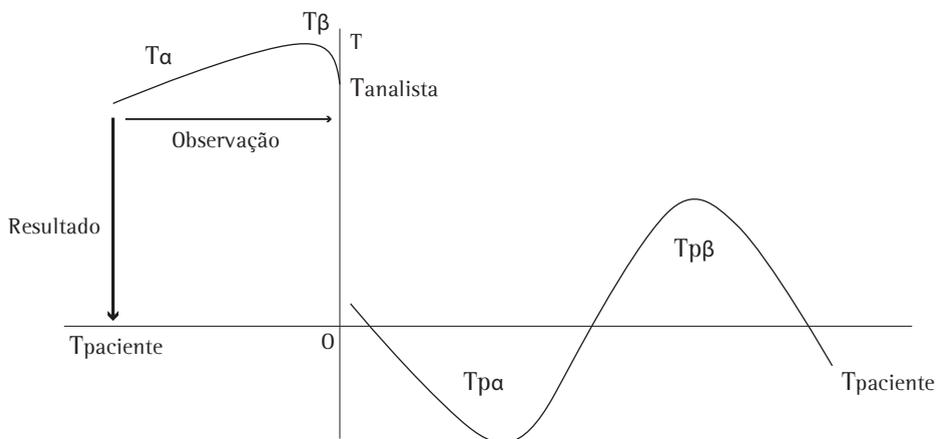
Penso que Bion resgata o conceito de uma forma ampla e introduz sua conexão com a dimensão poética e, dessa forma, afirma a busca de uma linguagem de longo alcance (*Language of Achievement*) para qualquer situação onde existe um vínculo a ser investigado e simetrias a serem interpretadas. Essa investigação privilegia a singularidade e a criatividade do analista.

Em trabalho recente, sugeri que o termo transferência (Chuster, 2014, 2017, 2018a, 2018b, 2018c) pode ser substituído, com uma série de vantagens, pelo termo cesura. A frase final do artigo *Cesura*, de Bion (1975), sintetiza a ideia por mim desenvolvida: “Investigue-se não a transferência, não a contratransferência, mas a (contra-trans)-ferência, o vínculo, a sinapse, a cesura, o humor transitivo-intransitivo”.

No presente ensaio, proponho continuar discutindo o tema através de um diálogo guiado pelo modelo da linguagem poética e sua contrapartida no processo criativo na psicanálise, seja nas interpretações feitas pelo analista, seja na escolha de teorias, usando o modelo investigativo da *Grade aperfeiçoada*.

O formato da *Grade aperfeiçoada* não foi delineado por Bion, tal como o fez quando construiu a sua primeira Grade, cujo formato lembra, para muitos, o de uma tabela periódica ou de um sítio arqueológico (Chuster, 2011, 2014, 2017, 2018a). Sendo assim, vou imaginar um modelo gráfico para a *Grade aperfeiçoada*. Trata-se de um modelo gráfico espectral<sup>3</sup>, e com isso estou reafirmando minhas sugestões de trabalhar com o paradigma de um sistema aberto, regido pelo Princípio de Incerteza e com a Infinitude de possibilidades que são características desses sistemas. Em diversos trabalhos, tenho enfatizado essa mudança de paradigma na obra de Bion (Chuster, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2018a, 2018b, 2018c).

O elemento finito será considerado quando ocorre expressão da experiência através da linguagem (ou dos elementos simbólicos). Ou seja, sempre que a experiência é colocada em palavras, de um lado, ela adquire uma dimensão finita, e de outro lado, mantém a Infinitude do seu potencial para novas aberturas.



<sup>3</sup> O modelo segue a ideia matemática da Transformada de Fourier, que pode ser escrita da seguinte forma:  $T \text{ } k \rightarrow 0 \text{ } (F\alpha) \text{ } (i/v) \text{ } (a/p) \rightarrow K \rightarrow 0$ . Ou seja, para se obter a direção de  $K \rightarrow 0$ , uma transformação analítica, será preciso integrar no campo analítico a função alfa, as invariantes e variáveis do campo analista/paciente. Uma transformada dessas necessita de um espaço de Hilbert, um espaço não-linear, não euclidiano, que admite muitas hipóteses e ângulos.

O eixo vertical desse modelo representa a *Cesura* que percorre do elemento T da psicanálise (*Transformação*) ao elemento “O”, que representa a experiência emocional (a *coisa em si*).

A experiência é resultado da existência de um campo formado pelo período:  $T\alpha$ ----- $T\beta$  (Sendo  $T\alpha$  o ponto onde a transformação começa e  $T\beta$  o ponto onde a transformação termina) e pelos resultados no vínculo  $T\alpha$  -----  $T\beta$  (sendo  $T\alpha$  a transformação analítica e  $T\beta$  a transformação do analisando).

Os elementos que fazem conexões simbólicas indicam a existência da *Cesura*. Obviamente que várias conexões podem ser feitas, e com diferentes qualidades: mais intensas, mais íntimas, mais superficiais, precipitadas, saturadas. Entretanto, o analista deve ter em mente que os pontos que dão início à transformação são arbitrários e provêm do acaso e da individualidade da escolha, onde entra o inconsciente do analista e suas teorias sobre o inconsciente.

Vou mencionar, neste momento, uma frase atribuída a James Watson, o cientista que revelou a estrutura do DNA: “o acaso favorece a mente preparada”. Aplicando-a ao analista devemos buscar os requisitos que o preparam para sua tarefa. Além de sua análise pessoal (onde se espera tenha desenvolvido e treinado sua intuição para ter contato com a realidade psíquica), Bion sugeriu que o treino do analista deve estar eternamente pautado pela busca de um estado mental *sem memória, sem desejo e sem necessidade de compreensão*. Esse estado também está presente em diversas atividades artísticas, dentre elas, a pintura e a poesia. Em resumo, trata-se de uma sugestão para o analista calibrar o seu instrumento mental de trabalho.

Exemplos dessa aferição: Picasso costumava dizer: “Eu não procuro, eu acho”<sup>4</sup>. O poeta Keats sugeriu que usar *capacidade negativa* tornava seu calibrador capaz de encontrar uma *linguagem de Êxito*.

Talvez possamos dar um exemplo da *linguagem de Êxito* usando outra frase

---

4 Giles Plazy (2007). *Picasso*. Porto Alegre: LP&M.

de Picasso: “Há pessoas que transformam o sol numa mancha amarela, mas há aquelas que transformam uma mancha amarela no próprio sol”<sup>5</sup>.

Certamente não se exige que o analista torne-se poeta ou artista, mas ele deve empregar o que conhece de psicanálise como *linguagem de Êxito* para fazer as conexões entre os distintos meios com que se depara. Assim como o poeta e o artista, o analista precisa calibrar seu instrumento de trabalho.

Bion (1965, 1967, 1970) chama a atenção de que o analista pode fazer isso se estiver trabalhando atento para o fato de que a linguagem foi elaborada tanto para buscar a Verdade como para engano e evasão. Isso cria um espectro que pode ser representado da seguinte forma:

- ----- Memória----- +  
 - -----Desejo----- +  
 - ----- Necessidade de compreensão----- +  
 Busca da Verdade ← ----- → Engano e Evasão

A pergunta imediata: o que decide por um sentido ou pelo sentido contrário quando se utiliza a linguagem interpretativa?

A decisão para o engano e a evasão (uso de memória e desejo) ocorre de forma mais intensa quando o campo é o da *Transformação em Alucínose* (1965), onde predomina a rivalidade e a crueldade do superego na composição de uma lógica moral. Uma lógica moral costuma conferir *onipotência* ao seu operador que fica inclinado a não abrir mão deste estado mental. Todavia, essa lógica tem uma premissa falsa, uma vez que foi produzida por um ciclo de transformações projetivas. A evolução da premissa falsa ganha corpo com a criação de mentiras (Bion, 1970). Estas, por sua vez, sustentam a *Alucínose*. Podemos então inserir a alternativa discutir a premissa, o ponto onde nasce a lógica e não a lógica em si. Ou seja, discutir o que provoca a criação e, por isso, como se cria e não julgar a criatura.

---

5 Ibid.

Nos grupos, a *transformação em Alucnose* pode aparecer em movimentos de luta e fuga, com hostilidades típicas desta transformação. Nos grupos de psicanalistas a frase “isso não é psicanálise” é um exemplo comum desse estado mental. Quando ele aparece devemos considerar simultaneamente o grupo interno, a configuração edípica para fazer a conexão e estabelecer a simetria. O tipo de configuração gera a transformação específica que é observada num determinado momento. No momento seguinte tudo pode mudar. Trata-se da instabilidade psíquica inerente a qualquer sistema vivo. Muitas vezes o dizer “isso não é psicanálise” parece mais atraente do que admitir um desamparo diante desta instabilidade que nos coloca na posição do não saber.

A instabilidade explica a impossibilidade de dar interpretações corretas, mesmo para uma mente preparada para perceber esta configuração (que supostamente todos nós psicanalistas conhecemos). Eu digo “supostamente” porque ela está sempre se renovando em suas possibilidades de manifestação, pois se trata da mais pura singularidade humana que pode apresentar o desconhecido onde menos se espera.

A teoria das transformações implica em seguir sempre a simetria criação e destruição de formas, e trazer o desconhecido para primeiro plano.

Recentemente, em uma jornada sobre o pensamento de Bion, apresentei um caso que tinha evidentes características da história do personagem Édipo Rei de Sófocles. Eu até conjecturei intitular o caso de *reencarnação de Édipo*, mas evitei saturar a experiência. Prefiro intitular o trabalho de *Sortilégio* (Chuster, 2018) palavra usada por Bion em um de seus seminários na *Tavistock Clinic*, sobre observação clínica.

O termo “sortilégio” tem múltiplos significados, e um deles, que foi o utilizado por Bion, tem o sentido de uma espécie de impressão digital psíquica que pode tanto encaminhar o destino da vida de uma pessoa, como pode ser a expressão pela qual essa pessoa é reconhecida subjetivamente como sendo ela mesma e não outra. Trata-se, portanto, da mais pura singularidade que se pode atingir. Coincide com o conceito de pré-concepção.

A questão que pretendi colocar é como esta característica pode ser percebida, e como o analista pode lhe dar (ou não) outro encaminhamento. Alguns dos colegas presentes reconheceram de imediato que eu estava falando sobre a pré-concepção, ou sobre “O”.

No entanto, outros relataram um sentimento de confusão e perplexidade com o caso, notadamente no início do relato clínico, que se caracterizou por eu não responder uma pergunta do paciente sobre os honorários das sessões. Não respondi nem mesmo a dos ouvintes presentes, destacando a provocação para pensar no desconhecido com o qual eu havia me deparado.

Um dos aspectos do caso é o uso de drogas. Não apenas no sentido das drogas sintéticas, mas também no desenvolvimento de relações tóxicas usando drogas que a mente produz. Destaquei como exemplo destas drogas a produção de excesso de otimismo levando à Alucinação. Também destaquei o uso do dinheiro como uma espécie de droga que inebria por corrupção. São ambos exemplos de hipóteses que podem ser desenvolvidas e trabalhadas após as sessões e utilizadas na prática se houver possibilidade.

No plano do grupo externo, no político, vemos com frequência ações dos “narcotraficantes” do dinheiro tentando inebriar seus opositores e seus seguidores com a corrupção. Eles agem para tirar a vontade dos que podem reagir contrariamente, ou para assegurar a fidelidade cega dos que já concordam, mantendo o estado geral de onipotência/desamparo. No mito de Édipo, diversos personagens realizam esse movimento, como Tirésias, Jocasta, a Esfinge. No mito de Palinurus (Eneida) temos o deus *Somnus ou Hypnos*. Na *Ilíada* temos o canto das sereias.

Bion (1970) esclarece que a toxicomania é utilizada como disfarce para a psicose, e o uso da mentira é frequentemente justificado como um aspecto da toxicomania. Assim, psicose, mentira, uso de drogas se associam numa mente tóxica e despreparada para o contato com a vida psíquica.

O grupo familiar do paciente sempre se caracterizou pelo uso de mentiras para

manter-se unido. Podemos chamá-lo de vínculo parasitário (Bion, 1970). Ou seja, as mentiras também pautavam a relação com a comunidade. Assim, o trajeto da pré-concepção encontrou a mentira na mente da mãe, na mente do casal, na mentalidade da família e espalhou-se pela mentalidade social, impedindo a ação de uma mente criativa que pudesse dar outras soluções. O sistema de pensamento ficou paralisado e o uso do dinheiro - e do poder que lhe é inerente - contribuíram intensamente para esse resultado.

Eu mencionei este tipo de trajeto, pois é minha forma particular de entender a pré-concepção dentro da teoria da complexidade, isto é, de acordo com um looping autopoietico. Cada plano se estabelece indissociavelmente de seu antecedente e seu precedente; o que ocorre em um deles afeta os demais. A sugestão é que a interpretação de um dos planos se coloque de forma simétrica ao plano seguinte, mas respeite a impossibilidade de dar uma interpretação completa.

Uma mente intoxicada com mentiras faz o sujeito sentir-se frágil e vulnerável, apesar de ter paradoxalmente mentido para se sentir moralmente superior ao seu interlocutor (*transformação em Alucinose*). A mentira produz profundas assimetrias e divergências nos planos psíquicos. Os sentimentos de fragilidade e desamparo existentes e simultâneos à busca de onipotência produzem terror e angústia que retroalimentam constantemente o sistema. Assim, nas interpretações, por exemplo, a fragilidade e desamparo do casal de pais devem ser confrontados com a onipotência da mente materna, e a onipotência do casal com a fragilidade e desamparo da família.

O paciente, mesmo após um bom tempo de análise, com frequência se queixava que, apesar de ter descoberto as razões históricas de seu sofrimento, não conseguia mudar. Sentia-se frustrado, pois fora informado que, na psicanálise, tornando-se consciente de aspectos de sua história que permaneciam inconscientes, seu sofrimento desapareceria.

Todavia, isso não acontecia por uma razão fundamental: o paciente habitualmente mente para si próprio. Assim, seu desejo de colaborar com a análise, de descobrir e conhecer sua história, não tem efeito se não for colocado em situação simétrica

com a mentira que conta para si próprio. O maior risco das mentiras, como mostrou Bion (1970) é que elas podem fazer com que o indivíduo possa chegar a ser uma mentira. O Ser é afetado de tal forma que ele nada consegue alterar e não pode nunca chegar a uma sintonia com "O".

Eu penso que existe uma alternativa - de fato complexa - na qual o analista pode mostrar que a mentira é destrutiva da vida que o paciente está levando, mas não é destrutiva da vida que ele poderia experimentar se parasse de mentir. Assim, é preciso sugerir o encontro de um limite onde ele se dê por satisfeito de tanta mentira e pare<sup>6</sup>. Pois, ao contrário dos indivíduos que fazem uso dos argumentos falsos, o mentiroso sabe que está mentindo e vive o paradoxo: por saber que está mentindo, ele pode responder quando indagado, que mente quando está mentindo - o que seria verdade - isentando-o desta forma de ser qualificado como mentiroso. Ele pode fazer com que qualquer ajuda sincera se torne mentirosa e, portanto, não acolhida por ele próprio, enquanto aceita a mentira como sendo melhor do que a verdade.

Usando a Grade Aperfeiçoada podemos reconhecer o tipo de comunicação mentirosa que o paciente está fazendo e a que uso ela se destina como transformação.

O paciente acima mencionado chegou para sua primeira entrevista faltando cinco minutos para terminar o horário. Não havia muito que se pudesse dizer nesse período de tempo. Ele se justificou com o trânsito difícil (todavia, os dois pacientes anteriores testemunharam exatamente o contrário, o que poderia ter me gerado a captação do "sortilégio").

Quando eu mencionei que o tempo disponível para ele estava encerrado, e que só poderíamos marcar outro encontro, o paciente perguntou o valor da sessão, e eu respondi de forma algo ríspida e fora do meu habitual que "não sabia". Posteriormente, pude perceber que esse ato estabeleceu uma conexão com

---

<sup>6</sup> Uma justificativa para essa interpretação sugestiva pode ser encontrada no próprio Freud. Em um texto gentilmente cedido por Cassio Rotenberg, percebe-se Freud trabalhando com um paciente no qual chama atenção que a resistência frequente (um silêncio prolongado do paciente) "estava saindo muito caro".

a história deste paciente, repleta de elementos relacionados com o dinheiro e mentiras. Mas eu ainda não sabia nada da história desse paciente. Então o que se passou?

Neste ponto, posso fazer uma analogia com um fluxo de água que encontra uma pedra. Em volta da pedra se forma uma turbulência que pode ser descrita usando o modelo espiral de experiências históricas. Em que nível ou ponto da espiral eu me encontro?

Posso manter a pergunta para mim mesmo e refletir após a sessão. Arrisco aqui o uso da Grade aperfeiçoada: o eixo funcional relativo ao início e fim da transformação traduz a forma como se relaciona a transformação do analista com a transformação do paciente. Como consequência do campo formado, temos a experiência "O". A experiência "O" depende do relacionamento entre as concepções e conceitos que formam a ligação.

Um dos participantes do grupo que escutava a apresentação do caso percebeu, com razão, a conexão que pode ser feita entre o valor monetário da sessão e o valor emocional da mesma, sendo o dinheiro uma analogia segura para quem deseja escapar dessa discussão. Como não dei o preço da sessão, criou-se um hiato revelador da mentira que o paciente expressou ao afirmar seu poder econômico. O paciente afirmou com ar arrogante que dinheiro não lhe era problema, pois tinha muito dinheiro, mas isso também pode ser chamado de uma mentira. Deste modo estabeleci a busca de outro sentido que seria preciso descobrir na hipótese que preço não vai garantir o valor emocional da sessão que não depende do poder econômico. Tratar-se-ia de dizer apenas o meu preço concreto da sessão, ou o real valor emocional é outra questão que não pode ser obtida pelo preço da sessão.

Se o paciente está mentindo que o dinheiro não traz problemas para ele, isso não é o mesmo problema que ter muito dinheiro. O dinheiro tornou-se um problema a partir do momento que se conectava a uma história de mentiras. Como não dei o preço da sessão emergiu o hiato entre verdade e história. Quanto maior esse hiato, menos o paciente pode ser ele mesmo e mais ele pode ser uma mentira. A simetria pode ser colocada entre Ser e mentira.

Em diversos trabalhos, tenho tentado esclarecer que o elemento inicial básico da psicanálise, listado na primeira *Grade*, a Hipótese definitiva (Bion, 1963,1965, 1975) ao sustentar a escolha da possibilidade psicanálise, escolhe não escolher todas as outras possibilidades que representam expectativas do paciente, e assim introduz frustração. Frustração é um termo complexo que pode significar muitas coisas. Na *Grade aperfeiçoada* ele não aparece, o que não invalida sua presença. Afinal, trata-se da descrição do encontro entre duas pessoas, que são diferentes, e isso é suficiente para introduzir a frustração de que o Outro é sempre Não-Eu.

Na *Grade aperfeiçoada*, no eixo vertical, o elemento inicial é T de transformação. Isso significa que a psicanálise vai inserindo uma crescente complexidade nos elementos da realidade psíquica que revela para o paciente.

A aceitação das hipóteses com complexidade é o reconhecimento e o acolhimento de contradições, de ideias que não podem ser conciliadas, a menos que sejam camufladas por uma visão eufórica do mundo sintonizada com objetos simples, tal como consumismo, simulacros, possessividade, e ilusionismo político.

A complexidade descobre possibilidades da ordem do mais improvável, por exemplo, formular algo que no nosso universo escapa ao tempo e ao espaço, mas isso não anula o fato de que, ao mesmo tempo, não podemos escapar dessas dimensões. Não podemos reconciliar as duas ideias, a menos que estejamos num estado psicótico. Não é esse o objetivo.

O caso apresentou um problema que é sempre importante de ser avaliado: o grau de contato com a realidade e o grau de dificuldade quando a mesma é o próprio estado mental. Sugiro que qualquer paciente pode apresentar esse fato, em algum momento: um fato complexo. Ou seja, traços inquietantes do emaranhando, do inextricável, do inefável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza.

A situação aparece com frequência em pacientes que comunicam fatos que parecem distintos do que se pode esperar de uma análise. Parece que são fatos muito corriqueiros que funcionam como coisas que não são aproveitáveis para uma interpretação ou ligação simbólica. Elas parecem coisas muito concretas,

sem possibilidade de ligação simbólica, e quando essa ligação é feita causa uma turbulência que faz com que pareça algo que não pode ser utilizado pelo paciente. Por exemplo, existem pacientes que falam sem parar na sessão, muitas vezes nem se dão conta que o analista está ali lhes escutando. Um colega, de forma anedótica, disse que o analista pode dar uma volta lá fora que o paciente nem vai notar. Mas entendo que esse fluxo visa não encontrar o perigo de uma pedra que organize alguma turbulência. O uso da *Grade aperfeiçoada* pode sugerir que sejam desenvolvidas hipóteses sobre a destruição do efeito das interpretações. Podemos desenvolver hipóteses que contemplem alucinação, assimetria, e deterioração.

Recentemente um paciente me perguntou se podia me pagar as sessões do mês em dólar americano. Eu lhe indaguei se haveria alguma diferença em pagar com a moeda de outro país. Ele me explicou que sua conta bancária estava no “vermelho”, e que por isso me pagaria em dólares que tinha em casa. O elemento que julguei importante é o paciente ter me colocado num campo entre dois idiomas, duas moedas. Sendo que um lado estava vazio, mas e o outro lado estaria cheio? Sugeriria assim uma forma de deterioração do vínculo.

Como esse paciente está passando por um período de dificuldades financeiras, eu concordei em fazer uma redução temporária dos honorários. Mas esse subsídio é sempre arriscado e me pareceu que ele, por diversas vezes, sentiu que tinha que complementar o pagamento com algo a mais. Mensagens de Whatsapp com possíveis problemas e insights sociais ficaram muito frequentes. Esse algo a mais também apareceu na recaída em certos problemas de sua vida. A recaída, ou deterioração, como hipótese, seria o pagamento complementar de uma sessão grátis, tempo extra ocupado com o paciente que exigia respostas. Supostamente o analista cruelmente se satisfaria em não dar respostas.

Imaginei que ele poderia estar se referindo a uma espécie de falta de recursos psíquicos que poderiam ser usados na sessão - mas não eram. Quando lhe disse que o pagamento em moeda estrangeira talvez fosse usado para me colocar longe dos problemas locais da sessão, o paciente reagiu à interpretação, recriminando-me com ódio pela distância que minha interpretação tinha do assunto concreto que ele havia colocado. Ele nem mesmo me deu tempo de complementar a

interpretação. Eu ia dizer ainda que ele nos colocava próximo de algo turbulento que era a possibilidade de não poder prosseguir a análise. O que ele descobriu de tão frustrante que provocou a reação?

Um bebê pode descobrir uma dor de estômago por causa de sua fome, ou sentir terror pelo não-seio, ou ansiedade pelo leite que não satisfaz, ou defrontar-se com sua dor psíquica por inveja. Em geral, essas descobertas são inevitáveis, mas existem pessoas que não toleram a dor e a frustração (ou nas quais a dor e a frustração são intoleráveis). Elas sentem a dor, mas não a sofrem e por isso não podem descobri-la. O fato aparentemente concreto e trivial do pagamento das sessões pode trazer à tona uma série de elementos complexos, basta que o analista faça uma ligação que revela os acontecimentos dolorosos. Além disso, temos o desdobramento (transformações) dessas revelações. Como a Grade aperfeiçoada pode auxiliar na avaliação de elementos dessas transformações?

A situação é difícil, e depende da capacidade imaginativa do analista que pode conjecturar como seria se o paciente se permitisse sofrer a dor e o que ele descobriria a seu respeito caso tivesse essa capacidade.

O paciente descobriu que o analista diz coisas que não tem nada a ver com ele. A hipótese pode ser: a transformação do analista não acompanha a do paciente ou vice-versa. Ainda assim esta é a experiência "O". Temos T ----- → O, que em algum ponto ficou estancada, mas que tem o seu valor se puder ser aproveitada.

Bion (1975) destaca que o único material que temos para estudar é a personalidade do paciente, e que também pode nos estudar, sendo livre para sair do consultório se assim o decidir e quando decidir. Diante disso temos a questão: Como engajar o paciente numa conversa analítica que seja tolerável? Ou que seja aproveitável? O que fazer com o paciente que sente ser mais seguro não vir para a sessão onde corre o perigo de descobrir algo sobre si mesmo?

O psicanalista, obviamente, não possui os recursos do pintor, do escultor e do músico, por isso tem dificuldades adicionais que os artistas não possuem. Mas sua atividade continua requerendo ser exercida com alguma arte. Existe a arte da psicanálise?

Se aceitamos que tanto a arte como o pensar são necessários à nossa sobrevivência psíquica, seria possível falar da arte do pensar psicanalítico. Isso em Bion está representado por um emaranhado no qual é impossível separar a arte, o pensar da psicanálise, a física quântica e a matemática. Esta relação entre disciplinas distintas faz parte da teoria do Pensar, cuja proposta podemos resumir na seguinte frase: vamos tentar pensar de forma diferente sobre a psicanálise, nem que seja por um minuto. Vamos ousar perturbar o Universo.

Werner Heisenberg<sup>7</sup>, usando a constante de Planck<sup>8</sup> ( $h$ ), criou o Princípio da Incerteza que colocou na fórmula:  $\Delta x \cdot \Delta p \geq h/2$ .

Ele afirma que em qualquer observação existe uma impossibilidade de observarmos a totalidade do fenômeno. Por exemplo, não se pode, experimentalmente, determinar de forma simultânea o valor exato de um componente do momento  $px$  de uma partícula e também o valor exato da coordenada  $x$  correspondente. A precisão de uma medida está limitada pelo processo de medida em si. O observador psicologicamente altera o fato observado, o que torna toda observação incerta.

Se considerarmos a aplicação resultante desse tipo de limitação, podemos supor que a observação analítica, matematicamente, também padece de incompletude.

Um indivíduo preso a questões financeiras pode entendê-las como transitórias, mas pode sentir, por conta de sua história pessoal, que elas o aprisionam. Trata-se de um tipo de ansiedade diferente; ela está mais próxima da privação, o que é bem mais assustador. Ele pode sentir-se aterrorizado em uma situação onde essa dificuldade não existe, pois significa que o objeto perfeito ao qual está ligado (enquanto existem dificuldades) foi destruído.

---

<sup>7</sup> Heisenberg, W., *Physics and Philosophy: the revolution in modern Science*, ed. Harper Perennial, 2007.

<sup>8</sup> Max Planck, em 1900, criou uma teoria dos quanta, e afirma que a energia radiante tem, como matéria, uma estrutura descontínua, não podendo existir senão sob a forma de fragmentos, ou quanta, de valor  $h\nu$ , onde  $h$  é uma constante universal de valor  $6,626 \times 10$  elevado a  $-34$  J/s e  $\nu$  é a frequência da radiação.

Spinoza, em seu tratado sobre *Ética*<sup>9</sup>, diz que um homem livre pensa em tudo, menos na morte, e sua sabedoria é uma meditação não sobre a morte, mas sobre a vida. O paciente muito ansioso com sua restrição tende a ficar meditando sobre a morte, e por isso sentiu-se aprisionado em minha interpretação, e que era apenas uma indagação sobre a finitude de recursos. Foi o que pude dizer. Afinal, também sou limitado como ser humano e não posso suprir com onipotência e onisciência o desamparo do paciente.

No conto “O imortal”, de Jorge Luís Borges<sup>10</sup>, o personagem chega à cidade dos Imortais e decide entrar no palácio, por ser a construção principal, onde percebe que, apesar de muito apuro arquitetônico, tudo era cinzento e nada parecia ter sentido ou finalidade. Ele vê quartos sem janela, corredores que não vão a lugar algum, escadas sem acesso a andares – mas, em cada detalhe, havia um vestígio, uma longínqua lembrança de formas conhecidas e concebidas por seres mortais. Na vida humana, tudo conta, porque os seres humanos são mortais, e sabem disso. As cores da vida atestam esse fato. Mas existem estados mentais que tiram essas cores tornando tudo cinzento.

O espaço entre Eu e Outro é também onde se encontra o berço da ética e todo o alimento que o Ser Ético necessita para se manter vivo: trata-se do silencioso desafio do Outro e, como analista, trata-se da minha dedicada, porém desprendida, responsabilidade.

A parte psicótica da personalidade tende sempre a diminuir esse espaço, exigindo não a minha responsabilidade, mas que eu deixe de ser ético e deixe de ser eu mesmo. Enfim, exige que nos distanciemos ou até desistamos de ser quem somos para submergirmos na Alucinose. A Alucinose nos conduz, ao mesmo tempo, ao equívoco, ao mal-entendido, ao arremedo, ao simulacro, ao falso, ao mentiroso. Sendo essa última característica a que predomina.

Em contrapartida, se trabalhamos com a honestidade (sinceridade) como base da vida mental, ela vai criando uma barreira de contato constituída com concepções

---

9 Spinoza, B. (2009). *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. São Paulo: Editora Autêntica.

10 Borges, J. L. (1999). *O Aleph*. Alianza Editorial.

fornecidas por uma palavra empenhada, a palavra sincera que gera o caráter, que em sucessão gera a integridade, a coragem, a compaixão, o respeito à vida e o respeito à verdade. Este último valor ético se reflete sobre e reforça a escolha inicial, criando um argumento circular. A barreira de contato, antes do mais, é um continente.

Cada valor ético gera outro valor. Quando são atacados, de alguma forma, podemos imaginar uma analogia com dominós enfileirados: quando se derruba um, derruba-se o resto. Uma barreira de contato aperfeiçoada é expressão do vínculo K (Bion, 1962a). Os conhecimentos que ela produz tendem a produzir o campo K----- → O.

Uma paciente me traz questões de sua vida íntima, mas afirma que por eu ser um analista do sexo masculino existem coisas que se passam com ela que não posso entendê-la. Mas não consegue me explicar o que são essas coisas. Digo que ela não pode me dizer e explicar tudo e que eu não posso entender e explicar tudo, mas pode haver sinceridade entre nós.

Ela me conta que numa análise anterior, com uma analista mulher, recebia conselhos. Mas, contraditoriamente, os menospreza afirmando que esses conselhos são típicos de uma revista feminina. Ou seja, são informações que podem ser adquiridas em qualquer banca de revistas, sem compromisso algum com a verdade. Mas poderia ser um compromisso com o consumo, com a possessividade?

Como analista, estou ali na sessão, em primeiro lugar, com minha responsabilidade de ser analista, e não para ser um homem ou uma mulher, por isso a questão não é de gênero, mas de generalização. Eis como a parte psicótica da personalidade pode funcionar sutilmente. A paciente cegamente generalizou sobre o gênero. A generalização significa também uma particularização decrescente, uma perda dos detalhes e dos sentimentos que os acompanham.

Seria também uma generalização se eu dissesse que existe a dificuldade das mulheres de existirem como mulheres? O fato bio-psico-social-histórico de que

são condicionadas por uma imagem de mãe poderosa pode levá-las a um lugar de equívocos. Essa paciente, com frequência, relata erros em seu trabalho por assumir, inconscientemente, esse papel de mãe. Ela também vem cometendo muitos enganos na sua vida pessoal. Reconhece isso, sente-se infeliz e um tanto desesperada por não encontrar a saída.

Eu saliento que a alternativa seria produzir outra coisa que não seja a mãe onipotente e poderosa capaz de tudo entender para que possa existir uma conversa sobre o desamparo existente entre homem e mulher. Saliento também que entre analista e paciente a questão pode ser colocada da seguinte forma: o que pode impedir a parte criativa do par analítico? Seriam os sentimentos (simétricos) de onipotência e desamparo gerados pela busca de um saber onisciente que tudo pode solucionar?

A paciente não está errada quando faz associações para explicar que as relações mãe e filha são geralmente sempre difíceis por conta da confusão de papéis entre elas. Podemos chamar isso de identificação projetiva que apaga as diferenças entre ambas. Então a filha tem dificuldade de existir como filha, pois é condicionada a ser como a mãe, e a mãe também deseja isso — o que complica a situação.

A identificação projetiva excessiva — gerada por possessividade e voracidade — certamente diminui o espaço das diferenças entre a mãe e a filha, mas também permite que diversos problemas pela perda do espaço ético do **Ser** possam aparecer. Muitas vezes, a solução dada para o que não se pode Ser surge pelo que se pode parecer. A fórmula seria: Não Sou, mas me pareço.

Essa paciente tem uma tendência a usar drogas quando entra em conflito com o marido, e o uso de drogas justifica a sua infidelidade conjugal nessas situações. Ela está aprisionada no ter que existir apenas como uma mãe e ter que produzir a vida. Todavia, isso parece dispensá-la de produzir aquilo que seria uma posição de mulher com seu marido. Ela imagina que se torna mulher nas relações extraconjugais, mas, contraditoriamente, queixa-se de que é vista como objeto, pois os homens a usam. Tentou se relacionar com mulheres e sentiu o mesmo. A

busca de uma mente onipotente, que não está lá, causa a confusão mental. A dor é ainda maior quando se chega a essa situação de que seria preferível a mentira do que buscar a verdade. É o que podemos chamar de fundo do poço da Alucinação.

Apesar de todo o avanço intelectual e profissional que essa paciente possui sente-se submissa ao marido, que exige dela a posição de mãe, o que significa abrir mão de trabalho e desenvolvimento profissional para acompanhá-lo. O fato de contentar-se com essa possibilidade a torna cúmplice da fantasia narcísica<sup>11</sup> masculina.

A questão da diferença entre os sexos pode também ser pensada em termos de relações de poder – que não pertence a nenhum dos sexos – e que não se trata exatamente de sexo, mas de direitos e de ética. Pode significar discutir sobre a falta dos direitos, mas isso é diferente de usar os direitos para criar conflitos com as pessoas.

O espaço é complexo, pois precisa que contradições sejam toleradas, por um tempo suficiente, até ser possível tomar decisões que farão a diferença. Existem também decisões que não fazem a mínima diferença. Mas tolerar o tempo leva a tolerar causas, e essas criam espaço e responsabilidade nas decisões.

A paciente, quando se submete às demandas de poder do marido, perde a capacidade para o prazer, pois não consegue sofrer sua dor pela frustração. Nas relações sexuais, o orgasmo desaparece com o conflito – pois o orgasmo exige momentos de inconsciência\_ um sair de si pelo outro\_ uma experiência que se torna ameaçadora para quem está com profunda desconfiança que esse estado a colocará sob o domínio da parte psicótica da personalidade. Pode sair de si pelo outro e não mais voltar.

A paciente tem sonhos frequentes que está num parque de diversões, sozinha numa roda gigante, e prestes a cair de uma altura enorme. Eu relacionei o parque de diversões com sua sexualidade que a coloca em momentos de altos e baixos de

---

<sup>11</sup> Uso narcisismo no sentido do objeto psicanalítico de Bion (1962a), isto é, a parte do espectro de concepções que vai perdendo a capacidade de fazer perguntas (-Y).

prazer, mas quando está no alto teme se apaixonar de forma destrutiva para sua mente. Ela pareceu aceitar a interpretação.

Experiências da primeira infância são inevitavelmente evocadas durante a experiência sexual. Assim, existe muito mais continuidade entre a vida mental da primeira infância e o ato sexual adulto do que as diferenças físicas permitem perceber.

Outro paciente diz que se sente “*compelido a buscar pornografia*”. Prefere assistir filmes pornográficos e se masturbar do que ter uma relação com a esposa – que diz ser uma mulher queixosa e fria. Diz, jocosamente, que ela não gosta de comer nada, pois tem anorexia nervosa sexual.

A pornografia participa intensamente da cultura popular atual. As mídias em geral vêm tornando os termos exibicionismo e voyeurismo praticamente obsoletos. Quem conhece o Carnaval do Brasil tem uma prova viva desse fato. A antiga vivência de transgressão, através da qual o erotismo é gerado, foi abolida com a banalidade das amostras pornográficas. Trata-se da banalidade do sexo. Os filmes mostram como é fácil e gratuito fazer sexo. Parece que não se precisa de nenhuma conversa, nenhuma troca, apenas de um desejo que surge quando se quer que surja. Mas quando não surge pode transformar-se numa situação aterrorizante.

Esse paciente vive uma espécie de transgressão da transgressão, a pornografia que não lhe é mais proibida – como quando era adolescente – precisa ser proibida por ele mesmo. Ele fantasia que exclui a esposa do ato sexual e transgredir ao se dedicar à masturbação em segredo, promovida pela pornografia. As sessões onde ocorrem esses relatos são confusas, ele fala sem parar, e a atmosfera é de dificuldade para conversar. Mas após a sessão, usando uma Grade aperfeiçoada podemos imaginar transformações projetivas (Bion, 1965) com a hipótese de dissociação crônica consequente a falhas primitivas da *reverie*.

A masturbação e a pornografia podem representar uma compensação onipotente importante para as frustrações inevitáveis vinculadas ao encontro com o Outro. O outro é sempre o Não-Eu, o limite para as fantasias onipotentes estimuladas pela

pornografia como compensação para os sentimentos de impotência e desespero (desamparo). Essas hipóteses podem ser armazenadas como elementos alfa e usadas no futuro. Note-se as simetrias sendo estabelecidas: Eu e Não Eu, onipotência e desamparo, frustração e gratificação.

A fantasia que acompanha a masturbação traduz a maneira pela qual as concepções se relacionam entre si. Trata-se de uma espécie de linguagem ou relação continente/conteúdo que traduz memórias de relações muito primitivas, especialmente as decorrentes de falhas da *reverie*. O paciente se queixa que sua mulher gosta de vê-lo sofrer sem ter sexo com ela. Mas, felizmente, diz ele, na pornografia isso não ocorre; ele está livre. Outra questão: como mostrar a cesura entre o estado mental infantil e os argumentos lógicos do adulto?

O paciente tinha fantasias sadomasoquistas - durante a masturbação - em que uma mulher o amarrava e o obrigava a lambê-la nos genitais e nas nádegas após ter feito necessidades fisiológicas. As fantasias estavam traduzindo uma mãe cruel e rígida com o bebê, pegando-o sem carinho para alimentar, obrigando-o a mamar nas nádegas/seios, possuídas pelo ódio malcheiroso da evacuação mental da frustração e conseqüente desamparo.

Em geral, esse paciente, através da pornografia sadomasoquista - que afirma nunca se cansar de ver - pode entrar pela fantasia no corpo de uma mulher sem ser rejeitado, pois ela sustenta sofrer o prazer da penetração sádica. A liberdade da identificação projetiva, para quem se sente aprisionado na mente do outro, suga o paciente para dentro da mitologia da repetição. A mitologia pornográfica é sempre um quebra-cabeça repetitivo que mostra como a onipotência e a onisciência se realizam no mundo externo.

A identificação projetiva produz confusão e gera a dependência de alguém para diferenciar o que é bonito do feio, o que é seguro do perigoso. Esse alguém é também sentido como cruel, uma vez que pode transformar urina em alimento e sexo em algo perigoso.

Green (1981) nomeia o complexo de Édipo de complexo da dupla diferença:

conjugando em seus efeitos as vicissitudes da diferença dos sexos e da diferença das gerações. Daí seu alcance, ao mesmo tempo, estrutural e histórico para a organização da sexualidade humana.

Bion (1957) mostrou a complexidade do Édipo como uma composição de vários aspectos em que interagem as partes psicóticas e não-psicóticas da personalidade, sendo a sexualidade o aspecto periférico de uma questão mais central que é a questão metafísica da Verdade. Dessa forma, graus de distorção da sexualidade não podem ser entendidos sem que se possa acompanhar os graus correspondentes de afastamento da Verdade. A verdade absoluta não é acessível; o que se chama de verdade é apenas um discurso que surge em função dessa impossibilidade.

Esse paciente fala sem pausas nas sessões, como se tivesse tentando fazer com que eu não pudesse dizer nada. Quando digo algo, ele de imediato critica minha interpretação dizendo que ela está sendo por demais “freudiana”.

Curioso como alguém que não é da área possa dizer tal coisa.

Eu digo ao paciente que não posso negar que minha interpretação é limitada, e como falo em linguagem comum, isso a torna ainda mais incompleta, mas, por outro lado, fica em aberto para ele dizer algo, ainda que seja descrever que se trata de uma falsa análise.

O paciente achou que *“eu estava dizendo que ele era um falso”*.

Eu lhe indaguei se ele estaria sendo poderoso e onisciente para me induzir ao erro ou se poderia ser qualificado como outra coisa além da posição cruel e arbitrária.

Ele me diz que a crueldade dos analistas aparece camuflada de uma teoria que justifica uma interpretação, e diz que *“o que eu fiz foi mesmo freudiano, pois cortou sua possibilidade de me odiar por dar interpretações sofisticadas”*.

Certamente, não cabe discutir que ele ouviu dizer o que seria a interpretação freudiana, por isso minha questão foi: por que ele precisa me classificar? A

onipotência da classificação generaliza e nos enquadra em um sistema moral. Eu digo: “*Penso que obviamente a neutralidade é impossível na análise, mas podemos tirar proveito de qualquer coisa que nos faz diferentes um do outro*”. Digo ainda que, “*no final das contas, numa sessão de análise, ele pode me observar assim como ele me permitiu observá-lo. Trata-se de uma via de mão dupla*”.

Ele diz que “*sabe que tento provar a ele as teorias da psicanálise, mas que não sei nada sobre o que se passa com ele fora das sessões*”. Uma fala um tanto óbvia, pois é claro que não sei o que se passa a menos que ele me diga. Mas essa obviedade tem outra intenção. A intenção de ser uma pedra de tropeço, dir-se-ia em grego *Skandaló* ou criar conflito com o que não foi visto. Note-se como o espaço é sempre uma questão. Apliquemos a hipótese: depressão é aquilo onde um objeto estava, e espaço aquilo onde estava uma depressão.

Em qualquer análise, a progressão da dialética, dentro e fora, continente e conteúdo, deve ser ressaltada e precisa ser mantida. Mas a *transformação em Alucnose* pode ocorrer mesmo em pessoas que são sofisticadas intelectualmente e conhecem muito sobre psicanálise. Aliás, esse é um problema muito atual. Tem muita gente supostamente informada sobre psicanálise. Mas e o que dizer sobre fazer análise ao invés de apenas saber acerca dela?

Penso que, se a *Alucnose* não for interpretada em todas as suas camadas e características, a análise pode, de fato, transformar-se num exercício de domínio, onde o analista é percebido como supostamente onisciente e todas as palavras que ele usa sobre esse modelo da diferença, como por exemplo entre fazer e saber sobre, podem tornar-se alvo de uma mentira que afeta o Ser do paciente. Se o paciente chega a ser uma mentira, dificilmente ele vai deixar de usar o óbvio como a mentira do não-saber.

A Alucnose está também presente numa segunda camada de provar que “*ações que valem mais do que as palavras*” (Bion, 1965) - o paciente fora das sessões dizendo o óbvio que neste espaço eu nada sei sobre ele. Este adágio antecede o ato final de *provar que a mentira é melhor do que a verdade*: o fundo do poço das

possibilidades de análise, se não ficarmos atentos a isso.

Eu digo que “*não importa como uma pessoa se diferencie teoricamente, mas se ela fala em nome geral da psicanálise, ou em nome de qualquer autor – isso é uma ação pura e simples, uma deturpação – semelhante à religião na qual sempre tem sempre alguém quem fala em nome de Deus*”. Indago ainda: “*Por que eu deveria saber sobre psicanálise e com isso achando que tenho que provar algo? Não seria uma contradição dentro do que ele mesmo me havia dito?*”

Esse é um tipo de paciente que Bion (1994), certa vez, mencionou que faz o analista se sentir pior analista no final da sessão do que era no início. Se tomarmos isso como a única coisa que o paciente pode fazer, digamos que ele está nos presenteando com essa tarefa quase impossível de ficar limpando o desamparo do bebê e, assim que o bebê ficou limpo, logo em seguida ele regurgita e defeca, e novamente precisa que isso seja realizado. Um trabalho aparentemente insano de relacionar a restrição de lidar com o desamparo através da onipotência.

Diante deste quadro, o que se pode fazer é tentar tirar proveito desse mau negócio que sempre envolve as vicissitudes e insalubridades da profissão. Requer trabalhar com a cesura que Bion (1975) aponta ao citar o poeta Paul Valery: “Aquele que escreve todo um poema numa noite de febre, não é um delirante febril, mas sim um sábio calculista, quase um algebrista, aos serviços de um sonhador refinado”.

A matemática do algebrista, do sábio calculista, em Bion (1970) se refere a uma busca de estar de acordo com “O” a realidade psíquica viva. O poeta quando se aproxima do desamparo à beira do caos tem o critério para entrar em acordo com sua sabedoria matemática e a compartilha com o indivíduo imaginativo. Daí surge o poema, a *linguagem de Êxito*.

Diz Bion (1970): “É difícil conceber uma análise de resultado satisfatório sem que o analisando se reconcilie ou fique de acordo consigo mesmo. Assim como é tentador supor que tal resultado ou o desejo de tal resultado proporcione critério para relevância”.

## REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1956). *Differentiation of the psychotic and non-psychotic personalities in: Second Thoughts*. London: Heinemann.
- Bion, W. R. (1957). On Arrogance. In *Second Thoughts*. Northvale: Jason Aronson Inc., 1967.
- Bion, W. R. (1962a). A Theory of Thinking. In *Second Thoughts*. Northvale: Jason Aronson Inc., 1967.
- Bion, W. R. (1962b). *O Aprender da Experiência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bion, W. R. (1965). *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1975). *The Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1994). *W.R. Bion: Clinical seminars and other works*. London: Karnac.
- Castoriadis, C. (1992). *A criação histórica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora Ltda.
- Chuster, A. (1989). *Um resgate da originalidade: os conceitos essenciais da psicanálise em W.R.Bion*. Rio de Janeiro: Degraus Cultural.
- Chuster, A. (1997). "A influência da Ciência na Obra de W.R. Bion" Simpósio Comemorativo *W.R. Bion-100 anos* organizado pela Sociedade Brasileira de psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), novembro de 1997.
- Chuster, A. (1999). *W.R.Bion: Novas Leituras. Vol. I: a psicanálise dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2003). *W.R.Bion: Novas Leituras: a psicanálise dos princípios ético-estéticos à clínica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2004). *Os princípios ético-estéticos de observação*. Trabalho apresentado na Conferência Internacional sobre a Obra de Bion, São Paulo.
- Chuster, A. (2006). *Transformações e Significado* In: *Linguagem e Construção do Pensamento*. Org. Jose Renato Avzaradel, Casa do Psicólogo, São Paulo.

- Chuster, A. (2007). As Origens do Inconsciente; Arcabouços da mente futura. *Revista da SBP de PA*, 14 (2), ago. 2007.
- Chuster, A. (2009). Lavorare com Bion nella clinica psicoanalitica. In *Com Bion verso il futuro*, editado por Giorgio Corrente, Borla, Roma.
- Chuster, A. (2011). *O objeto psicanalítico*. Porto Alegre: Edição Instituto W. Bion.
- Chuster, A. (2012). Cesura e Imaginação Radical: obtendo imagens para a ressignificação da história primitiva no processo analítico. In *Sobre a Linguagem e o Pensar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chuster, A. (2014). *A Lonesome Road: Essays on the complexity of W.R.Bion's work*. Rio de Janeiro: TrioSudios; Karnac.
- Chuster, A. (2017). *Experiences with Wild Thoughts*. Inédito.
- Chuster, A. (2018a). *Simetria e Objeto Psicanalítico; desafiando paradigmas com W.R.Bion*. Rio de Janeiro: Trio Studio.
- Chuster, A. (2018b). Serendipidade e memória do Futuro: pensamentos selvagens em busca de uma descoberta. Trabalho apresentado na Jornada Bion da SBPSP, São Paulo, abril 2018. E também no simpósio internacional sobre a Obra de Bion, Ribeirão Preto, julho de 2018.
- Chuster, A. (2018c). *capacidade negativa; um caminho em busca da luz*. Inédito.
- Chuster, A. (2018d). *Sortilégio*. Trabalho apresentado na Jornada Bion da SBPSP, São Paulo, abril 2018. E também no simpósio internacional sobre a Obra de Bion, Ribeirão Preto, julho de 2018.
- Chuster, A. e Trachtenberg, R. (2009). *As sete invejas capitais*. Porto Alegre: Artmed.
- Chuster, A.; Soares, G. e Trachtenberg, R. (2014). *A obra complexa*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Matte-Blanco, I. (1975). *The unconscious as infinite sets*. London: Duckworth.
- Meltzer, D. (1996). *Meltzer em São Paulo: Seminários clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.